



NA PANDEMIA DO COVID-19: A EAD MELHOR ALIADA DO SISTEMA EDUCACIONAL

Vanderson de Souza – PG/UEMS

Nataniel dos Santos Gomes – UEMS

RESUMO: O presente artigo, tem como objetivo fazer uma reflexão e na qual, falaremos sobre a mutação da educação que transmigra. Devido a pandemia do vírus covid-19, um organismo vivo, minúsculo e impossível ver a olho nu, mas capaz de fazer parar e mudar o cotidiano de uma sociedade. Essa parada e mudança no convívio social, se fez necessária para conter avanço dessa pandemia. Com isso, a educação dentro das escolas onde o ensino e a aprendizagem presencial era praticado, foi forçado migrar para uma educação que o lecionar e o aprender, fosse realizado em ambiente virtuais, passando assim para a educação on line.

Palavras-chave: pandemia, educação, aprendizagem.

Introdução

Conforme o objetivo deste trabalho, refletiremos sobre como a educação está se comportando, mediante as ações governamentais para conter o avanço da pandemia do vírus Covid-19, por meio da isolamento social. Que foi publicado pela Medida Provisória 934/2020, no dia 1º de abril, que dispensa escolas da educação básica e instituições de ensino superior de cumprirem o mínimo de 200 dias letivos estabelecido pela LDB. A carga horária de 800 horas fica mantida. A decisão tem caráter excepcional, em razão da situação de emergência de saúde pública provocada pela pandemia do novo coronavírus.

O ano de 2020, será lembrado para sempre em nosso calendário, vida e principalmente em nossas mentes, como o ano que parou tudo e que mudou a rotina de todos seres humanos. Mas, tivemos que nos levantar, refazer e porque não reinventar. Com o fechamento das instituições de ensino público e privado, cerca de 1,5 bilhão de discentes ficaram sem aulas presenciais em 160 países, segundo relatório do Banco Mundial. Muitas escolas não têm desperdiçado a situação para acrescentar experiências inovadoras, por meio do uso de tecnologias digitais e também estudar mas a fundo nas que já existem.

Em decorrência da pandemia que nos instituiu o trabalho de colaboradores on line, tem sido levado para o ambiente virtual, com a esperança do regresso ao modo presencial em tempo muito breve, fomentando discussões consideráveis sobre democratização e acesso à tecnologia e



acelerando alterações educacionais que talvez levassem anos para suceder. Como sendo o ano de um ensino híbrido, ou seja, de um ensino que iniciou de modo presencial (da forma como cada qual se acostumou a fazer), mas que, estamos em um ensino não presencial, à distância, essa forma de ensino veio para “sacudir” algumas organizações, entre elas, a escolar.

A priori, com o mundo em incessantes mudanças, é impossível evitar que a forma de aprender e ensinar também sofra relevantes alterações. Isso porque, esse novo cenário educacional exige do professor uma outra postura e um outro papel e muitos docentes já têm percebido isso. Nessa situações emergenciais, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB):

da educação brasileira consente a realização de atividades a distância nos níveis de ensino fundamental e médio, na educação profissional técnica de nível médio, na educação especial e de jovens e adultos e no ensino superior. Essas atividades podem ser aproveitadas para o cumprimento do ano letivo.

Não só o Brasil, falaram que no início de janeiro, mas o mundo todo passaria meses dentro de casa, sem poder comparecer aos escritórios, escolas, parques e shoppings para enfrentar um inimigo invisível, ninguém sentiria. Entretanto, é essa a realidade diante à pandemia do novo coronavírus, que mudou o cotidiano da vida como se conhece. Sendo assim, é momento de pontuar ações que estão sendo desenvolvidas para apoiar diretores, gestores, coordenadores pedagógicos, professores, famílias e os maiores interessados no assunto, os próprios estudantes, no refazer da educação que o momento atual impõe.

O Que Mudou?

Docentes que tinham pouco ou nenhum contato com tecnologia precisaram iniciar e a planejar vídeos aulas, junto a seus coordenadores pedagógicos, ao mesmo tempo em que descobrem sobre o funcionamento de ferramentas tecnológicas e outros aplicativos. Com aulas *on-line*, surgiram novas incitações que não eram normais nos encontros presenciais como problemas de conexão e participação dos alunos à distância.

Igualmente aproveitemos, assim, o tempo presente para educarmos a nós mesmos. A situação atual suplica uma novo pensar sobre o nosso papel como educadores das futuras gerações, o que inseri necessariamente uma reflexão sobre as estratégias, os pressuposições e as ferramentas



que utilizamos no cotidiano. A despeito de nossas resistências individuais, a inevitabilidade de letramento digital nunca esteve tão urgente. E muitos de nós somos, neste momento, tão aprendizes quanto nossos próprios alunos.

Importância também, é considerar a realidade local. E segundo dados divulgados pela *Teacher Task Force*, uma aliança internacional coordenada pela UNESCO, mais de 800 milhões de estudantes que estão com aulas suspensas não contam com um computador em casa, enquanto 43% do total de alunos não têm acesso à internet. Por isso, entender a multiplicidade de formatos sob os quais os conteúdos podem ser oferecidos é uma forma de considerar as diferentes realidades socioeconômicas dos alunos no Brasil.

Uma Nova Forma de Lecionar, Ensinar e Aprender em Meio a Pandemia

A pandemia do novo coronavírus exige que todas as áreas da sociedade criem mecanismos para minimizar os impactos negativos que ela tem ocasionado. No sistema educacional, a educação a distância, por meio do avanço tecnológico e de seus múltiplos recursos, tem sido apontada como uma possibilidade para atenuar tais impactos, em função do distanciamento social que tem sido aplicada como principal forma de combate ao vírus.

Sobre a EaD, o Art. 1º do Decreto nº 9.057 (2017) ressalta:

Art. 1º [...] considera-se educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos.

Segundo, Carlini e Tarcia (2010) ressaltam que a EaD alude a uma modalidade de educação na qual tanto os docentes quanto os discentes aprendem ou ensinam mesmo estando em locais distintos seja durante todo ou em grande parte do tempo.

Sabemos que a aprendizagem e o saber são antecidos por uma longa experiência. A aprendizagem pode ser conhecedora pelo modo com o qual as pessoas adquirem conhecimento,



expandem habilidades e transformam o comportamento. Sua temporalidade é, em muitos casos, integralmente diferente da velocidade da informação, que se identifica pela curta duração e brevidade. Se o assunto é explícito, a aprendizagem concorda muitas vezes uma forma implícita.

Levy (2011), questiona:

Mas o que é o saber? Não se trata apenas, é claro, do conhecimento científico – recente, raro e limitado –, mas daquele que qualifica a espécie: *homo sapiens*. Cada vez que um ser humano organiza ou reorganiza sua relação consigo mesmo, com seus semelhantes, com as coisas, com os signos, com o cosmo, ele se envolve em uma atividade de conhecimento, de aprendizado. A aprendizagem não se reduz somente aos discursos racionais. “Existem Pensamentos-corpo, pensamentos-afeto, pensamentos-percepções, pensamentos-signo, pensamentos-conceito, pensamentos-gesto, pensamentos-máquina e pensamentos-mundo”. (LEVY, 2011, p.123)

A aprendizagem via meios digitais é um espaço do saber, diz Lévy (2011), habitado e animado por uma inteligência coletiva, em duradoura repaginações dinâmica, capaz de “[...] inventar línguas mutantes, construir universos virtuais, ciberespaços em que se buscam formas inéditas de comunicação” Levy (2011, p. 123).

Esse ambiente do saber assegurado pelos meios digitais não deve ser atordado com uma espécie de uma caixa abstrata de todos os saberes possíveis; ao contrário, é uma forma bem específica de saber, que reorganiza, nivela e introduz no ambiente informacional sua forma própria de conhecimento, decorrente de outros espaços do saber. Espaços heterogêneos constituem-se em torno de conformidade, proliferam-se de forma molecular e se organizam de uma pluralidade de ambientes interdependentes. Ainda Lévy (2011), assegura que os mídias digitais são espaços antropológicos e uma forma de reorganização da cultura, da linguagem, da educação e dos saberes humanos.

Mudança de Paradigma: as Mídias Digitais como Ferramentas no Ensino-Aprendizagem

Atualmente estamos, provavelmente, diante a uma transformação paradigmática que atinge a educação. Possivelmente, a mudança não é a imagem apenas a existência incontornável



dos meios digitais em nossa vivência. Logo uma enorme responsabilidade está no princípio do desenvolvimento descontrolado das tecnologias a serviço, inicialmente, da forma de produção industrial de bens e, em seguida, da resultante necessidade de oferta de serviços e da ávida por conhecimento. E com a assistência da técnica, tudo ficava menos complicado.

A princípio, não conhecemos precisamente estabelecer em que tempo e como o conhecimento passou a fazer parte do serviço da própria técnica, convertendo-se tecnologia. O que sabemos é que se convencionou de um longo tramitação da transformação paradigmática. Nas palavras de Nuccio Ordine (2016):

Não é um acaso que nas últimas décadas as disciplinas humanísticas tenham passado a ser consideradas inúteis e tenham sido marginalizadas não somente nos currículos escolares e universitários, mas sobretudo nos orçamentos governamentais e nos recursos das fundações e das entidades privadas. Por que empregar dinheiro num âmbito condenado a não produzir lucro? Por que destinar recursos a saberes que não trazem uma vantagem rápida e tangível? (ORDINE, 2016, p. 33).

Essa mudança paradigmática que no momento aflige e afeta a educação não reside exatamente no ambiente ocupado pelos meios digitais de aprendizagem no espaço educacional, mas no lugar que esse preenche em nossa vida tanto dentro quanto fora da escola. Nesse sentido, provavelmente exista uma realidade de consciência da serventia de conhecimentos que, para além das lógicas do rendimento, da eficaz e do pragmatismo produtivo, são as diretrizes culturais e espirituais que instituem potenciais para a autonomia dos sujeitos e para sua liberdade de espírito.

Segundo Morin(2002):

A liberdade do espírito é alimentada e fortalecida: 1. Pelas curiosidades e pelas aberturas ao exterior (do que é dito, conhecido, ensinado, recebido); 2. Pela capacidade de aprender por si mesmo; 3. Pela aptidão a problematizar; 4. Pela prática de estratégias cognitivas; 5. Pela possibilidade de verificar e de eliminar o erro; 6. Pela invenção e pela criação; 7. Pela consciência reflexiva, ou seja, a capacidade do espírito de se autoexaminar, autopensar e autojulgar; e 8. Pela consciência moral. (MORIN, 202, p. 283).



Retornamos ao discernimento de pensar bem e às circunstâncias de aprendizagem não meramente lógico-rationais, mas também afetivo-emocionais para o progresso da liberdade do espírito, de sua competência, em conhecer a si mesmo e saber viver consigo mesmo também, com os outros e com o mundo.

Além disso, se os meios digitais consentem um acesso disponível e imediato a informações de toda ordem; e se possuem um acurado grau de inteligência capaz de transformá-los em tutores de obtenção de informações e de conhecimentos lógicos, como é o caso das novas tecnologias educacionais, dos aplicativos para aprendizagem *on-line*, dos jogos educativos, etc.

Devem também constituir ferramentas primordiais ao estudo e eficazes nos processos de ensino-aprendizagem. Mas, não cumprirão sua função de formação se não forem construídos em rígidas bases, no contexto afetivo-emocional e no âmbito do saber viver; e o papel de constituir essas bases não se dará com performance de máquinas, mas sim com a transmissão de um conhecimento do conhecimento de mundo, próprio do humano.

Não querendo negar o papel dos meios digitais na educação, com essa afirmação. Pois sabemos da sua função e importância no processo de ensino-aprendizagem dos sujeitos. Existe, hoje, uma propensão a reconhecer que cada indivíduo tem seus próprios métodos de aprendizagem; suas próprias agilidades e limitações; suas aptidões; e seus sonhos. Nesse sentido, as ferramentas digitais de ensino-aprendizagem consentem individualizar o processo de formação, e isso denota vantagens. Todavia, quanto mais espaço se dá à individualidade, mais se corre o risco de fomentar o individualismo e toda sorte de deficiências sócio-afetivas.

Segundo Orrico e Monteiro, (2018) diz:

Curiosamente, em 2014, a UNESCO lança as Diretrizes de Políticas para a Aprendizagem Móvel (UNESCO, nas quais são elencadas 10 (dez) recomendações a serem seguidas pelos formuladores de políticas públicas: 47 • Criar ou atualizar as políticas referentes à aprendizagem móvel. • Treinar professores sobre como fazer avançar a aprendizagem por meio de tecnologias móveis. • Fornecer apoio e formação a professores por meio de tecnologias móveis. • Criar e aperfeiçoar conteúdos educacionais para uso em aparelhos móveis. • Assegurar a igualdade de gênero para estudantes móveis. • Ampliar e melhorar as opções de conectividade, assegurando também a equidade. • Desenvolver estratégias para fornecer acesso igual a todos. • Promover o uso seguro, responsável e saudável das tecnologias móveis. • Usar as tecnologias móveis para melhorar a comunicação e a gestão educacional. • Aumentar a



conscientização sobre a aprendizagem móvel por meio de liderança e diálogo. Este conjunto de recomendações vem consagrar a utilização das tecnologias móveis como uma forma de interação entre os jovens (e menos jovens), em que se superam (mais facilmente) diferenças, sejam elas de carácter económico, social, etc.; promovendo o diálogo como forma de gestão da aprendizagem e apresentando outros espaços possíveis para utilizá-lo, sem que se descuide do estudo, tornando a sala de aula cada vez mais um lugar de troca de conhecimentos, experiências... (ORRICO & MONTEIRO, 2018, p.287-288).

As autoras concordam que os aparelhos móveis que acompanham os jovens em toda as suas atividades, precisam de ser integrados como uma ferramenta de ensino-aprendizagem e que em cada disciplina pode-se utilizar o smartphone com a intenção de integrar a aprendizagem à realidade virtual.

As TICs surgem neste momento de pandemia como um elo de inovação na educação. Porém, constituem apenas um item entre uma série de outros eixos que parecem estar no centro das preocupações dos educadores. A tecnologia já está tão incorporada nas nossas vidas diárias que muitas vezes é difícil voltar atrás para perceber como estamos a mudar com ela. (Case, 2014, p.9). Sem dúvida, isso inegavelmente, podemos constatar essas mudanças, quando vemos coordenadores, se tornado editores de vídeos, professores assumindo função de youtuber, produtores de conteúdos, apostilas e ou tutores, para promover um ensino-aprendizagem de qualidade aos seus alunos.

Queremos aqui apresentar algumas ferramentas que, mais são utilizadas pelos docentes para dinamizar as suas aulas neste momento de pandemia:



- Facebook
- Google Class
- Google Formulário
- Google Meet
- Instagram
- Inklinks
- Messenger
- Skype
- Snapchat
- Twitter
- Whatsapp
- Zoom
- Youtube



Embora, temos professores que não são simpatizantes das redes sociais, mas mesmo assim conseguem interagir com algumas desses aplicativos, quer seja para uso pessoal ou não. E devido a este momento ímpar que estamos vivenciando, tais docentes se viram na emergência de interagir e saber lidar com tais ferramentas, para que consigam atender os seus alunos.

Considerações Finais

Para concluir essa reflexão, se faz necessário que todos os envolvidos na educação se unam para, que alcancemos o nosso objetivo, cujo é um ensino de qualidade, ao discente das instituições de ensino, para tenham o condições de alcançar os seus objetivos de vida.

As tecnologias não veio para mudar a educação, o ensino ou até mesmo a aprendizagem, essas ferramentas estão presente no cotidiano da sociedade, para dar suporte, facilidade e agilidade para uma comunidade dinâmica. Porém, na atualidade em que estamos vivenciando, um momento de restrição social, as TIC's, entra em ação mais uma vez, mas não de forma simples ou como estávamos acostumados, adentra



de uma forma mais significativa, sendo umas das principais ferramentas, para que a dinâmica do cotidiano de um sociedade, seja preservada ao máximo dentro do possível.

É de grande valia que esses instrumentos, em nossas instituições de ensino, sejam aproveitados na sua totalidade. Não podemos mais ignorar a tecnologia dentro da educação,

precisamos nos alinhar e aliar as TIC's, neste contexto que estamos passando, podemos ver o quão são de suma importância e quão falta faz de não agregarmos a educação de forma efetiva, que possamos mudar nossos paradigmas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Planalto, 1988. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 09/04/2020.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro, 1996. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 09/04/2020.

BRASIL. Decreto n. 9.057, de 25 de maio, 2017. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 09/04/2020.

BRASIL. Medida Provisória n. 934, de 1 de abril, 2020. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br>>. Acesso em: 09/04/2020.

Carr, Nicolas, (2012). **Os superficiais: o que a internet está a fazer aos nossos cérebros**. Lisboa: Gradiva.

Case, Amber, (2014) An illustrated dictionary of cyborg anthropology. Scotts Valley: CreateSpace
Greenfield, Susan (2015). Susan Greenfield, Mind Change: **How digital technologies are leaving Their mark on our brains**. New York: Random House.



Lévy P. A inteligência coletiva. **Por uma antropologia do ciberespaço**. Rouanet LP, tradutor. 8ª ed. São Paulo: Loyola; 2011.

Ordine N. A utilidade do inútil: um manifesto. Bombassaro LC, tradutor. Rio de Janeiro: Zahar; 2016.

Orrico, C. & Monteiro, D. (2018, novembro). Uso do celular em sala de aula com finalidade pedagógica: **construção de saberes de uma nova perspectiva**. Temas em Educ. e Saúde, . Araraquara, v. 14, n. 2, p. 284-294, jul./dez., 2018.

Morin E. O método – 5. **A humanidade da humanidade**. Silva JM, tradutor. Porto Alegre: Sulina; 2002.

Teixeira MG, Costa MCN, Carmo EH, Oliveira WK, Penna GO. Vigilância em Saúde no SUS-**construção, efeitos e perspectivas**. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2018;23 (6),1811-1818. doi:10.1590/1413-81232018236.09032018